

ANNO III S. Paulo, 1 de Outubro de 1901 N. 30



LBUM

DAS

MENINAS



REVISTA
literaria e educativa
dedicada ás
JOVENS BRASILEIRAS



PROPRIEDADE
DE
Analia Emilia Franco

Endereço : LARGO DO AROUCHE, 58



S. Paulo -- Typ. Andrade & Mello -- Rua de Carmo, 7



CANTOS DAS MONTANHAS

VERSOS DE

Servulo Gonçalves

E' este o titulo de um volume brochado de 146 paginas, no qual o sr. Servulo Gonçalves enfeixou os seus versos, cujo valor nos propomos agora apreciar, dizendo algumas palavras, mais como retribuição á gentileza do convite com que nos honrou a illustre publicista exma. sra. d. Analia Franco para collaborar nesta revista, do que mesmo como um juizo critico minucioso e completo, pois nos fallece competencia para isto.

Não obstante, seja-nos concedido expender umas poucas de considerações ao explicarmos porque alguns destes versos nos impressionaram bem e outros mal.

Assim como ha uma biologia que estuda a organização, o desenvolvimento, as funções, a vida, em summa, dos seres, sob o ponto de vista da materia, ha uma psychologia que estuda todo este complexo constitutivo da vida intellectual.

Isto posto, resulta incontestavel que existe perfeita analogia entre os phenomenos que se observam na esphera do mundo physico e os que se realisam na esphera do pensamento: as mesmas leis e principios que regem uns, regem outros.

E neste movimento de composição e decomposição, observado atravez dos estudos biologicos, e que não cessa nunca; nesta agitação perenne, a que Darwin com tanta energia chamou *struggle for life*, é de vêr a tendencia irresistivel dos seres para a perfectibilidade e quanto o meio ambiente, o habito e o exercicio influem assim na elliminação como na aquisição de certas qualidades physiologicas e psychologicas.

Este phenomeno observa-se tambem no meio social e artistico, e porisso com acerto se diz que o homem é um producto do meio em que vive. Si o senso esthetico resulta tambem do temperamento e si o temperamento, como o mesmo instincto, se modifica e se aperfeiçôa ao sabor de condições mesologicas accidentaes, como pôde um individuo, que nasceu, cresceu, e se desenvolveu, por exemplo, na roça e ahi entre rusticos passou a mór parte dessa idade, em que as impressões são d'ordinario mais faceis e duradouras, compôr ou seja em prosa ou em verso, sobre assumptos suggeridos e inspirados neste outro proscenio dos grandes centros? Por um esforço supremo de imaginação, com os recursos inexgotaveis da phantasia?

Sim, e ahi está então a causa determinante dessa pieguice que caracteriza a hodierna poesia em nossa terra. Que se nos depara nos torneios poeticos de hoje? De um lado, vates, que nunca soffreram e gosam todos os favores da sorte, só burilando estrophes de que tressuda o sôro amargo das lagrimas. Do outro, vates, que nunca tiveram nem esperam jamais ter um instante de ventura, cantando em cada verso um hymno de victoria, ou gargalhando uma satyra pungente que ridicularisa e enxovalha as coisas mais serias, maia santas. Haverá, por ventura, verdade de sentimento e de percepção subjectiva em taes versos; a linguagem ahi só photographa os objectos precisamente como elles são em si mesmo, ou, consoante exige o sabio Humboldt, traduz a imagem, melhor, a impressão que elles gravaram na alma? Absolutamente não, e, pois, neste caso não se tracta de poetas, mas de patetas que dizem o que não sentem e o que sentem não dizem.

Reconhecemos algumas honrosas excepções a esta regra, e o sr. Servulo fôra uma dellas e por completo, si se limitasse a tractar assumptos proprios do seu meio artistico e literario, isto é, si tomasse por thema exclusivamente scenas, costumes, lendas e outras singelezas, como o fez compondo as poesias intituladas: *Ariraiá, Jacyra, A Jara, Arary, A*

Mulata e outras assim em que revela incontestavel estro e demais qualidades raras, que definem o verdadeiro artista.

Quando, porém, s. s. explora outros generos, quando tenta escrever de outros assumptos que nunca o impressionaram directamente, efficazmente, é de uma infelicidade atroz.

Haja vista qualquer dos seus sonetos. Forma de poesia é esta de tão acanhados moldes, que rarissimos logram apertar nella, como em leito de Procusto, todo um pensamento muito vasto e muito elevado, sem o prejudicar, torturando-o, absorvendo-o ou tornando-o banal.

A nosso vêr, o sr. Servulo é mediocre na composição do soneto e de outras formas, a que subordina certos assumptos mais transcendentés. Sem embargo disto, segundo o que em outro logar já temos expendido, s. s., modificando o seu temperamento, educando a sua esthetica, por meio do exercicio e do tracto constante com os mestres, virá a ser um destes: talento e vocação não lhe faltam. Pedindo-lhe desculpa do quanto deixamos escripto, enviamos-lhe as nossas sinceras saudações, dizendo-lhe: avante! A gloria não está em região muito longe nem muito alta para intelligencia com azas de tal envergadura!

TULLIO DE CAMPOS.

Queixumes da orphã

Si mãe eu tivesse, que vida garbosa,
Que doce existencia na terra tivera:
A sorte me fôra bastante ditosa,
Num céo de harmonias tranquilla vivera.

Si mãe eu tivesse, de gozos cantara
Ouvindo-lhe a falla suave, canora:
A falla materna tão pura, tão rara,
Encanta noss'alma, noss'alma avigora.

Perdi muito cedo, na rosa da vida,
A casta caricia de meus pensamentos;
Fiquei sem ventura, ao desprezo tangida,
Qual flôr castigada á fereza dos ventos.

Ainda me lembro dos santos conselhos
Que mãe toda terna, fagueira me dava—
Me pondo de leve por entre os joelhos,
Quando muitas vezes sorria ou cantava.

Não ha neste mundo maior desventura
Que ter-se existencia chorando a orphandade!...
E eu vivo, coitada! sem ter a ventura
De alegre fruir a materna bondade!

«Que tens minha filha?!» Que alento sagrado
Só nessa pergunta mamãe não me dava!
Si eu tinha de maguas o peito chagado,
A santa soffria e commigo chorava;

Ah! candido archanjo de minha esperança!
Divino conforto de toda minh'alma,
Porque me deixaste, tão só e criança
Aqui, neste mundo, sem gozo e sem calma?!

Porque não me surges ao menos num sonho,
Si eu quero somente contigo sonhar?
Outr'ora eu não era teu anjo risonho?!...
Oh! vem, santa mãe, um conforto me dar!

MARES DE SOUZA.



CARTAS MATERNAS

A' mocidade paulista

(Introito)

Consenti, jovens amigas, que neste delicioso *Album das Meninas*, eu, de longe, ouse travar relações convosco, nessas *Cartas Maternas*, escriptas com a pauta do cerebro, e registradas com o sello do Coração.

Nascida em solo brasileiro, comtudo uma grande divisão nos separa. Eu sou do Norte e vós do Sul. Eu nasci n'um clima torrido onde não ha inverno, não ha' frios que nos enregellem os membros, onde a agua exposta ao sereno não neva; onde os costumes são um tanto desiguaes, o typo differente, o modo de expressar menos cantado, o de sentir, esse sim, é sempre patriotico e sublime.

Encetando a minha obscura correspondencia, eu me occuparei de tudo quanto possa interessar-vos, garanto-vos á fé de quem sou.

Podemos, minhas amigas, conversar sempre, e, como a distancia não nos embarça, sirva esta pequena missiva de introito ás nossas futuras palestras.

Antes de tudo, porém, torna-se mister que vos diga que a pessoa que vos dirige a palavra por intermedio da escripta, é uma criatura simples, nem velha, nem moça, uma solitaria emfim, que no seu modesto gabinete, lembra-se da sciencia, das letras, da politica e do movimento completo do Brasil, sem comtudo vêr seu nome á tona da publicidade, com ruidoso apparato.

Sem encantos pessoaes, ao menos pelos do espirito, espero ser acceita pelas minhas jovens compatriotas, em cujo Estado já estive e percorri em parte, e onde a imprensa e a sociedade tantos favores immerecidamente me dispensam.

Que m'os dispenseis vós, ó anjos bons, que perfumaes o lar de vossos paes, que desde já me assigno gratamente devotada

Rio—Maio 16—1901.

IGNÊZ SABINO

CARTA I

Conversemos, já que assim o quereis.

Fallar, é expressar o pensamento, é revolver as idéas.

O ser humano, minhas amigas, não nasceu para viver isolado, sendo por isso que buscamos, como é commum, entreter relações com pessoas distinctas, afim de passarmos agradavelmente algumas horas da vida.

O proprio mundo, por signaes característicos feitos com os dedos, chega por essa fórmula a conversar animadamente, facto pratico já observado por mim.

O habito de se viver com pessoas educadas e cultas, insensivelmente torna o espirito disposto a sentimentos delicados, que se expressam, depurando a linguagem de vicios e palavras pezadas, trocando idéas novas, argumentos que se prolongam com prós e contras, nessa necessidade que surge de se dar tratos ao sentimento, á dor, á alegria, e ás variadas gammas da escala em que a educação nos collocou.

Conversar naturalmente sem affectação, é tão bonito!... Depois, ha cazos em que provar illustração ou sabedoria, torna-se ridiculo; não é assim?

Devemos sempre buscar os nossos eguaes, porém, se tivermos de fallar com pessoas inferiores, usemos de phrases que sejam por ellas entendidas.

Ahi mesmo na escola ou na vossa casa entre irmãs e amiguinhas, procuraes sempre dizer o que sentis, o que observae, ou um facto que se deu.

Ha pessavas que gostam de conversar ao passo que outra preferem *ouvir*.

Conversar, fazendo accenos, é feio e indica má educação.

E' exacto, que não existem regras para a conversação, como existem para as regras grammaticaes. No entretanto, uma só pessoa, póde, se quizer, fazer um grupo de tres e quatro senhoras ou cavalheiros immiscuir-se na sua palestra com o simples olhar que se lhes dirija, obrigando-os por essa interrogação delicada, a expandirem tambem os seus pensamentos e tornar commum a conversação, confraternizando os presentes, que, de então, tornam-se em quasi amigos.

A mim tem succedido o que vos narro nestas humildes linhas, em razão de julgar, que n'uma sala todos devem cooperar para esse passatempo necessario á existencia commum.

Jámais devemos tocar na vida alheia, nem fazer apreciações pessoas que firam o seu melindre.

E o que vos direi dos juramentos para fazer valer uma affirmativa, e annexins citados, ainda mais cortar-se a palavra a qualquer, duvidar-se do que se ouve, e contestar-se o caso com modos desabridos?

Ha quem atropelle assumptos, quem não deixe os outros fallar, quem eleve a voz como se estivesse a disputar n'uma camara de deputados, rindo ruidosamente e fazendo taes gestos, que aquelle que o ouve, deseja vel-o pelas costas.

Nesse caso, o codigo de Bom Tom ensina todas as praxes; mas, não é sómente a cortezia que deve guiar os que conversam. O bom senso deve ser o seu principal director.

Quando uma indiscripção offender a qualquer pessoa presente, que diplomacia, que desculpas, que delicadeza não se necessita ter para provar-se que não se quiz magoar e que nem houve segunda tenção em tal fazel-o?

A educação apurada, não permite, que por exemplo, alguém se engrandeça perante extranhos fazendo realçar os seus dotes quaesquer que sejam, tanto que diz o prologoio: «Louvor em bocca propria é vituperio.»

Quanto seria feliz a sociedade, se a alma social fosse completa no seu todo?

O merecimento proprio só tem valor, quando enaltecido por outrem.

Esta já vae longa, é necessario findar.

Oh!... quem me dera ter o poder de attrahir-vos, caras amiguinhas?

Ainda assim, peço-vos um instante mais.

Se a conversação é uma arte, o *saber ouvir*, não o é menos.

George Sand, a grande escriptora, fallava pouco e ouvia muito

—Porque não conversaes—perguntou-lhe um dia, alguém.

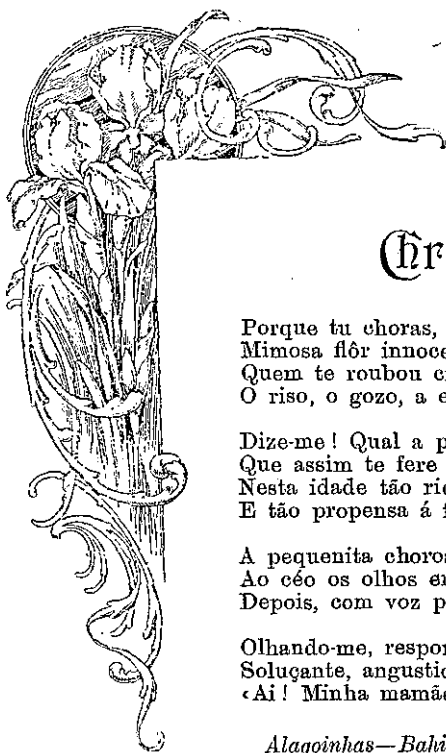
—Gosto de aprender com os outros; respondeu ella.

—E o que mencionaes como *arte* de saber conversar e ouvir conversas, me preguntareis vós?

—E' governar os gestos, as palavras, evitar bocêjos, sorrir a proposito, não interromper a quem falla, concorrendo com o seu espirito para que a sociedade onde se está, sinta precisão da sua presença, tornando da palestra do salão ou da familia, um passatempo agradável, util, e proveitoso.

Terminando, vos declaro, que a conversação é a perola com que, sobretudo, nós, as mulheres, offereceremos a todos que nos derem a honra de buscar a nossa casa, no intuito de nella amenisar as horas de tédio, que muita vez uma pessoa extranha, necessita como um cordial, aos aborrecimentos da vida.

IGNEZ SABINO.



Chromo

Porque tu choras, criança,—
Mimosa flôr innocente?—
Quem te roubou cruelmente
O riso, o gozo, a esp'rança?

Dize-me! Qual a provança
Que assim te fere atrozmente
Nesta idade tão ridente
E tão propensa á folgança?

A pequenita chorosa
Ao céu os olhos ergueu!
Depois, com voz pezarosa,

Olhando-me, respondeu—
Soluçante, angustiosa:
«Ai! Minha mamãe morreu!

Alagoinhas—Bahia.

MARES DE SOUZA.





A Egide Materna

ROMANCE DE COSTUMES

POR

ANALIA FRANCO



(CONTINUAÇÃO)

VII

Emquanto os habitantes de Cananéa circumscrevem agora as suas aspirações todas na tranquilla esperança das festas que alli se estão preparando, Euclides feliz, quasi sempre ao lado de Alcina, passa os dias sem cuidados que o preocupem, sem inquietações que lhe perturbem a serenidade do espirito profundamente desprendido de tudo quanto não seja o seu amor, com a alma desaffogada e o coração enlevado na joven, cujo olhar transluz-lhe a dulcissima certeza de que são por ella comprehendidos e compartilhados os seus sentimentos.

Não ha maior felicidade para elle, se é que neste mundo existe felicidade verdadeira, do que percorrer com ella, ao ar livre sob o perfumado bafejo das brisas da tarde, aquelles sitios em que a natureza entornára a flux os encantos de sua flora. Nesses passeios em que os acompanha sempre o vigario, tinham por cima de suas cabeças um sol resplendente, parecendo-lhes que as proprias flôres eram mais va-

riadas nos matizes, mais ardentes no colorido e mais inebriantes nos aromas. A violeta, occulta sob a folhagem, envia-lhes os seus suaves perfumes, as magnolias se ostentam frescas e nevadas, ao passo que as borboletas matizadas esvoaçam-lhes em torno, cantando os passarinhos como se os saudassem na sua passagem; tudo enfim contribue para despertar-lhes o sentimento de satisfação íntima que experimentam.

Se bem que não ousam exprimir por palavras o que lhes vae dentro d'alma, nas poucas e indecisas expressões que haviam trocado e n'essas poucas—entrecortadas mesmo—e sobre tudo no significativo olhar que as acompanhava, ambos tinham reconhecido com jubilo serem reciprocamente correspondidos.

E como não devia ser puro e elevado aquelle amor nascido em tão nobres corações e sob a egide protectora do virtuoso sacerdote?

Ambos fallavam frequentemente da mãe querida que cada um perdera e cujo modelo de virtudes desejavam imitar. Uma certa afinidade secreta e profunda não podia deixar, pois, de existir entre os dous orphãos, cuja alma conservara, graças á austera pureza dos seus habitos, toda a ingenuidade das organizações privilegiadas.

São felizes porque se comprehendem e o amor illumina com um raio de sua luz benefica as suas cabeças juvenis, enchendo de esperanças os seus candidos espiritos.

Muitos honrarão por certo com um sorriso de desdem á pessoa que escreve estas linhas, mas para esses direi como um distincto escriptor: «Riam-se muito embora uns semsaborões que por ahi existem, fructos pécios do moderno realismo, riam-se; porém o velho apophthegma—de que não ha na vida humana outra cousa que não seja o amor—constitue por si um principio de eterna verdade e de axiomática intuição».

Emquanto os dous jovens pensam no seu amor, o velho sacerdote, pouco iniciado na pratica dos segredos do

coração humano, meigo como o Evangelho, medita na felicidade dos que o cercam, cinzelando talvez utopias e fazendo consistir a sua futura gloria em merecer que alguém o applauda no intimo d'alma, com as lagrimas nos olhos, todo o bem que elle procura esparzir em torno de si. E vae caminhando, ao lado do sobrinho e afilhada, encostado no castão da sua grossa bengala e parando a cada passo, ora para cubrir com o seu olhar compadecido o arbusto que a tempestade despedaçara, ora affastando com extremo affectuoso, os galhos dos espinheiros, que se debruçam sobre o traçado da estrada afim de não molestarem os transuentes. A's vezes faz uma volta por um terreno difficil ou caminha em zig-zag só para não esmagar com o pé um insecto, ou as mimosas hervasinhas que crescem humildes sobre as orlas da estrada.

Quando avista um casalinho humilde, cujas paredes branquejam aos ultimos clarões do dia, se vê os seus donos a descansarem dos labores do dia, rodeados da prole, sentados á sombra das arvores, encaminha-se para elles com o rosto illuminado de cordeal alegria, e os saúda cheio de verdadeira satisfação. Todos se levantam e apressam-se em cumprimental-o respeitosaemente, ao passo que as creancinhas com as faces rosadas, alegres e saudaveis, correm ao seu encontro, beijam-lhe a mão, abraçam sorrindo. Alcina, fitando ao mesmo tempo os seus olhos raísgados e cheios de ingenua admiração no semblante do moço, como se sentissem attrahidos pelos seus modos insinuantissimos. O bom sacerdote faz então observar aos dois jovens as tendencias piedosas que incutira no coração dos seus parochianos, á entrada de cujas casas se via ora um painel de Nossa Senhora dos Afflictos, ora o de S. Christovam ao lado de uma palmeira e o menino Deus nos hombros, ou S. João Baptista affagando o seu cordeirinho. Algumas tinham apenas á frente da casa uma cruz de páo tosca ornada de flores naturaes, cuidadosamente plantadas em volta do pedestal.

Com a sua alma ingenua cheia de fé e o coração repleto de sympathia, o vigario applaudia os sentimentos religiosos do seu rebanho, e lhes explicava aquelles quadros que não eram obras de arte, mas que se fossem uma perfeição, talvez perdessem ás impressões de candura e singeleza que infiltravam n'aquellas almas piedosas e simples.

São estas almas absolutamente crentes que olham os bens que recebem como favores especiaes da divindade, as desdenhadas pelo mundo, o qual, no seu descommunal orgulho, classifica a sua fé docil e fervorosa em delirios de imaginações exaltadas, quando as não taxa de imbecis.

—Como eu sympathiso, dizia o velho parochó sorrindo, com esta poetica crença do povo que tanto gosta de encarar a religião debaixo do seu aspecto popular, sem procurar penetrar nos mysterios da theologia; que não vêm em cada santo mais do que um doce protector, um celeste amigo dos pobres desvalidos.

Assim entretidos, os tres, depois d'uma longa excursão campestre voltaram para a casa onde havia agora mais vida, e animação pela affluencia dos hospedes que concorriam de toda a parte. A familia de Reginaldo tinha-se passado para o modesto solar do vigario, afim de ajudar, a velha Generosa nos preparativos do jantar, que elle resolveu dar aos seus amigos e pobres da villa, seguindo-se depois o espectáculo popular.

No pateo destinado para o povo, levantava-se o tablado e dos lados duas filas de rusticos camarotes de taboas pregadas sobre barrotes. Trabalhando e suando via-se os mestres carpinteiros á frente dos seus aprendizes, a quem davam ordens aventavam alvítres, censurando uns aos outros.

O vigario e o sobrinho, ambos activos, infatigaveis presidiam aos trabalhos, aqui reprehendendo benevolmente, acolá louvando os operarios e mandando pôr á sua disposição tudo quanto necessitavam para que nada lhes faltasse. Entre os que auxiliavam o serviço figurava o nosso conhecido Aleixo, um dos comparsas mais gaiatos do en-

tremez que ia representar-se. O vigário gostava muito de ouvil-o tagarellar, por sua vivacidade, tendo sempre a replica viva e prompta.

—Vamos, Aleixo, dizia o vigário, presta bem attenção aos carpinteiros, porque pretendo fazer-te um excellente mestre de obras.

—Deus me livre, seu padre vigário, nem que não houvesse mais officio n'este mundo, não quero ser carapina.

—E porque, meu rapaz ?

—Porque desde meus bis-avós ouço dizer que todos os carapinas, por mais que suem a trabalhar, nunca ficam ricos.

—Sim ?

—Pois não, *seu* padre, esse officio é amaldiçoado por Deus.

—E qual a razão porque este officio incorreu na colera de Deus ?

—Então, *seu* padre vigário, que le tanto nos livros não sabe isto ?

—Realmente não posso atinar.

—Pois fique sabendo, *seu* padre, que foi um carapina quem teve o desaforo de fazer a cruz onde pregaram Nosso Senhor e desde então, todos que têm este officio, ficam pobres e miseraveis.

—Santo Deus ! que castigo tremendo, meu rapaz ! voltou o vigário rindo.

—Sim senhor, e eis a razão porque não quero esse officio nem que me esfolem.

—Pois nesse caso serás um bom ferreiro, terás a tua tenda e uma bella forja.

—Ferreiro ? ! Credo ! Isso agora é que não calha ; tanto peor ainda, porque ferreiro nunca foi santo de minha devoção.

—Ah ! tens prevenção tambem contra os ferreiros ?

—Pudéra não, *seu* padre ! Diga-me só, quem foi que teve o atrevimento de fazer os cravos com que crucificaram Nosso Senhor Jesus Christo ?

—Nesse caso todos quantos exercem este officio, na tua opinião estão condemnados tambem, do mesmo modo que os carpinteiros ?

—Sem duvida nenhuma, *seu* padre vigario. Inda não faz muito tempo que minha defunta avó, que Deus haja, quando avistava o nosso visinho mestre-ferreiro Chico Vintem cantava assim :

Ahi vem mestre Chico Vintem,
Triste ferreiro da maldição :
Se ha carvão ferro não tem,
Se tem ferro, não tem carvão !

—Mas, meu rapaz, disse o vigario rindo muito, é preciso convires que este ou aquelle officio, por mais humilde que seja, não faz a infelicidade de ninguem. Esta ás vezes está no desmazello e imprevidencia d'aquelles que o exercem, quando não é uma provação que Deus manda a esses pobres operarios, afim de se adiantarem no caminho do bem.

—Qual, *seu* padre vigario, replicou Aleixo sacudindo a cabeça com incredulidade. Eu conheço muitos officios baixos que rendem bem dinheiro, porque esses officiaes gastam a valer e ainda assim ficam ricos. Olhe, por exemplo, os dous filhos de nha Anninha Pépé, o Mané e o Antonho pedreiros, como estão ricos. Pedreiro sim, é que eu quero ser, porque esses trabalham pouco e ficam ricos logo.

—Ora não seja tolo, Aleixo, volveu um outro rapaz, aprendiz de carpinteiro que até alli estivera a trabalhar escutando e dialogo. Eu só é que sei porque os irmãos Pepé estão ricos.

—Ah ! vancê sabe, Jorge ? então desembuxe lá esse segredo, obtemperou Aleixo com um sorriso desdenhoso.

—Foi por via dos feitiços de nha Anninha Pépé, a quem não é atôa que Deus a fez aleijada dos dous pés. Ella disse que achou uma ferradura nova de cavallo ferrado pela primeira vez, e que benzeu a ferradura com umas pa-

lavras cabalisticas, pondo-a atraz da porta da rua da casa d'ella, e desde então os negocios dos filhos foram de vento em pópa, ficando elles ricos assim. Isto não é segredo, Aleixo, porque nha Anninha Pépé conta p'ra quem quer ouvir.

—Qual, Jorge, isso são historias de Maria Carocha; p'ra mim é que não pega essa babuzeira. Elles estão ricos é porque o officio de pedreiro é abençoado por Deus. Não é verdade *seu* padre vigario? concluiu o rapaz, voltando-se para o sacerdote.

—Todo o trabalho é abençoado por Deus, meu rapaz, obtemperou este sentenciosamente, agora a riqueza elle só dá a quem lhe apraz.

—Muito bem, *seu* padre! exclamou Jorge olhando com ar do triumpho para Aleixo. Este fez um gesto de desdem, encolhendo as hombros e em seguida murmurou a meia voz:

—Isso póde ser quanto aos outros officios, mas carapinas e ferreiros é que nem á mão do Santo Christo os fará já-mais ricos.

O vigario não continuou mais o dialogo, contentando-se em sorrir, pois sabia muito bem que o povo rude tem as suas crenças arraigadas e não ha quem as possa arrancar. Em parte elle tem muitas vezes razão, nesses ditos mais ou menos picantes, que se transmittem de paes a filhos, sem indagar a sua origem, sem analysar a sua authenticidade.

N'estas e outras conversações se passavam as horas, até que á tardinha reuniam-se os actores na porta do tablado occulto pelas colchas de chita aos olhares dos curiosos, que vinham assistir os ensaios, sem nunca faltarem de applaudir com grandes gargalhadas aos actores. A maior parte d'elles ainda não sabiam haver-se com os seus papeis. E como havia algumas partes que deviam ser cantadas, a philarmonica da villa vinha tambem fazer a sua parte nos ensaios. Uma forte pancada de pratos era o signal do começo da representação, e ouvia-se então uma especie de symphonia executada pelos musicos e acompanhada por vozes

invisíveis. O ritmo que começava suave ia avolumando-se n'um crescendo aspero o qual terminava por um diluvio de notas impetuosas, desafinadas e estridulas, proprias a fazer arrepios, causando aos ouvidos a mais inharmonica das torturas, mas aquella pequena onda de espectadores habituaes, parecia presa da mais extatica admiração, completamente alheia ás torturas acusticas, tendo os ouvidos á prova de bomba.

Começou então os ensaios, cujo dialogos e monologos achavam-se tão destemperados como a philharmonica; ao terminarem havia sempre uma confusa balburdia na qual o contra-regra bufando e suando reprehendia asperamente a crassa estupidez dos actores por não se compenetrarem dos seus papeis. Estes ao vêrem o ensaiador severo e iracundo, abaixavam a cabeça á maneira de ave, que presentando a tempestade occulta a cabeça debaixo da aza, e retiravam-se promettendo no dia seguinte estudar melhor os seus papeis. Quando, porém, as disputas e altercações tornavam-se mais acaloradas, o vigario intervinha e, importante como um juiz no seu tribunal, acalmava a tempestade, fazendo tudo voltar aos seus eixos, isto é, a trabalharem de commum accordo para o solemne dia do spectaculo.

(Continúa).

~~~~~  
Esta Revista, que se publica uma vez em  
cada mez, será distribuida gratuitamente a to-  
das as escolas publicas do sexo feminino deste  
Estado.  
~~~~~